

# Deus, a esperança da humanidade

CLAUDIO L. BINS, S. J.

## God, Hope of mankind

Fidelity to modern man, considered in his pluridimensionality, forces us to talk to him about God, the hope of mankind.

Phenomenological data: man, mankind and the cosmos walk toward the future with responsibility, toward the fulfilment. Man wants to shape his future freely with responsibility and he hopes to do it. God promises to those who attend his divine call, that the fulfilment of human history will be a fulfilment that corresponds to all human dimensions: community, individual and cosmos. This fulfilment however will not be simply human; the perfect union among men is possible, is rooted, centered and lived through the union with Christ and His Father. God Himself is the future of mankind and of the individual. In other words: What is new in Christianity, communion with God the Trinity, will be lived in the pluridimensionality of man.

It depends upon man to walk free and responsible toward God. God, in His love, always walks in front of man, giving him the possibility of an answer to His call. The christian hopes in God, that He may give him the possibility to walk toward Him.

This hope is the historic life of the reality that God is always out of our reach.

In the second part we underline another constitutive aspect of the christian hope: its effectiveness in the pluridimensionality of the human being. Being essentially an internal attitude, hope must be effective in human life. This fact is based on the 1) fact that the christian and the community are a sacramental reality; 2) reality that man, in his corporal-spiritual unity effects historically the meaning of his existence; 3) the historical encarnation of Christ.

How to effect this hope? Among other ways we consider: the participation in the way of hope, in the construction of a more human world. The exercise of a critic conscience in relationship to any absolutism. Finally we consider that hope can be lived in deceptions, death, sacrifices, freely accepted.

Diante da realidade que hoje nos circunda, parece uma temeridade querer falar em Deus, como esperança da humanidade.

Os homens têm consciência sempre mais aguda de sua liberdade e responsabilidade frente ao universo e à história humana.

Os avanços em todos os ramos da ciência e da técnica propiciaram aos homens uma crescente libertação face às forças da natureza. Eles se tornam mais e mais senhores do universo. Com este domínio, eles podem planejar sempre melhor o futuro e, assim, orientar o próprio sentido da história humana. Desta forma, despertando e utilizando as energias da natureza e baseados em seu próprio poder criador, os homens querem realizar livre e responsávelmente a história humana. Conseqüentemente, pensam poder dispensar Deus, por julgá-lo inútil e perturbador dessa dignidade e missão do homem.

Não seria melhor unir-nos, na mensagem e na prática, aos teólogos da "morte de Deus" (1), ou aos que preferem, pelo menos durante algum tempo, que não se fale aos homens de Deus, nem que os homens falem a Deus?

A fidelidade e a abertura ao homem de hoje levam-nos, entretanto, a aceitá-lo e a considerá-lo em todas as suas perspectivas e

relações. Entre estas, como não-lo testemunha a revelação, a básica e fundamental é a relação a Deus Pai, por Cristo no Espírito Santo. A fidelidade ao homem, portanto, considerado em sua plena luz, leva-nos a falar-lhe de Deus, esperança da humanidade.

Numa primeira parte refletiremos sobre o cerne da Esperança Cristã: seu relacionamento a Deus, para numa segunda parte tecermos algumas considerações sobre o que se poderia denominar de encarnação da esperança. As duas partes necessariamente devem ser vistas e vividas numa unidade (2).

## I. A esperança da humanidade

O homem, na atualidade, orienta-se de um modo todo especial para o futuro. No empenho pela construção do porvir podemos, entre outros aspectos, discernir três:

1. A tendência do homem a ultrapassar-se historicamente a si mesmo em busca de um futuro sempre mais pleno, em busca da plenitude. Este dado inclui a afirmação muitas vezes inexpressa, de que a vida possui um sentido que transcende e engloba as pequenas vivências de sentido. Em outras palavras: o futuro e sua plenitude é a **realidade** esperada.

(1) Não nos referimos aqui a teólogos que falam da morte de um certo Deus, ou antes de concepções de Deus: tapa-buracos, deus-ex-machina etc... Referimo-nos àqueles, que, velada ou explicitamente, proclamam a morte de Deus no sentido radical.

(2) A conferência está profundamente inspirada nos seguintes autores:

ALFARO, J. B.: Adnotationes in tractatum de virtutibus, Roma, 1959.

METZ, J. B.: Zur Theologie der Welt, Mainz, 1969 (2).

MOLTMANN, J.: Theologie der Hoffnung, München, 1964.

PIEPER, J.: Über die Hoffnung, München, 1949.

PIEPER, J.: Hoffnung und Geschichte, München, 1967.

RAHNER, K.: Zur Theologie der Hoffnung, em Schriften zur Theologie, VIII, Einsiedeln, 1967, pp. 561-579.

RAHNER, K.: Über die Theologische Problematik der "neuen Erde", idem, pp. 580-592.

RAHNER, K.: Marxistische Utopie und christliche Zukunft des Menschen, idem, VI, 1965, pp. 77-88.

RAHNER, K.: Fragment aus einer theologischen Besinnung auf den Begriff der Zukunft, idem, VIII, pp. 555-560.

RAHNER, K.: Theologische Prinzipien der Hermeneutik eschatologischer Aussagen, idem, IV, 1960, pp. 401-428.

SCHILLEECKX, E.: Gott die Zukunft des Menschen, Mainz, 1969.

2. Para êste porvir pleno o homem se encaminha livre e responsabilmente. É êle que o planeja e realiza. O homem é **responsável** pelo futuro.

3. A realidade atual, herança do passado e prospecção para o futuro, vivida como experiência de sentido, inclui a promessa de que o futuro, apesar das deficiências e limitações do homem, poder-se-á realizar. Em outras palavras: o homem **espera** poder realizar o futuro.

Estes três aspectos do homem em sua orientação para o futuro não podem e não devem limitar-se à consideração do homem como indivíduo; necessariamente, devido à própria constituição do homem, referem-se à humanidade, e à relação desta e do indivíduo ao cosmos.

Concomitantemente, entretanto, surge o impacto da dúvida, da incerteza, da angústia: para onde realmente se encaminha a humanidade, para a sua realização plena ou para a autodestruição?

E a geração presente e os indivíduos, ante a realidade inevitável do tempo que passa e da morte, se perguntam: qual o **nosso futuro**? Qual o sentido de **nossas vidas**? Serão simplesmente as **gerações vindouras** êste sentido e porvir?

A problemática resume-se, portanto, em saber: qual é o **futuro pleno** para o qual a humanidade (e nela os indivíduos) se encaminha **responsabilmente** e que ela **espera** alcançar?

Não é nossa intenção apresentar as diversas vias de solução que poderiam ser dadas. Limitar-nos-emos a refletir teològicamente sobre os dados da revelação.

## I. 1. Deus, o futuro esperado

A revelação não nos faz uma descrição do futuro último. Deus, para aquêles que atenderem ao seu apêlo divino, promete que a plenitude última da história humana será uma plenitude que corresponde a tôdas as dimensões do homem: plenitude da comunidade humana, plenitude do indivíduo e plenitude do cosmos.

O fato de nos concentrarmos sôbre o término último, trans-histórico, de nosso vir-a-ser, não nega, pelo contrário, como veremos na segunda parte, exige que esta plenitude já seja vivida incoativamente no presente e no futuro intra-histórico.

O que mais e mais se torna sensível na humanidade é o elã em busca de uma união sempre crescente entre os homens. O caminhar da comunidade humana para o futuro visa, apesar dos pesares, ultrapassar as situações atuais para poder estabelecer mais justiça, mais paz, mais união, maior liberdade entre os homens.

Poderão os povos transcender-se a si mesmos, em cada época e em todos os tempos, para constituírem sempre uma nova comunidade? Não nos cabe dar, neste momento, um juízo sôbre isso.

Deus promete que no fim dos tempos, ao ser transposto o limiar da história humana, os homens que tiverem correspondido ao seu apêlo ultrapassar-se-ão a si mesmos e formarão uma comunidade totalmente nova, onde haverá paz, justiça, liberdade, amor e união em plenitude (3).

(3) Cf.: 2 Pdr. 3, 13; Vaticano II, Gaudium et Spes n.º 39,3.

Esta comunidade, entretanto, não será uma comunidade simplesmente humana. Eis aí o elemento absolutamente novo da mensagem cristã, da promessa divina: a vida comunitária entre os homens será vivida na união com a Trindade, na participação da própria vida de união do Pai com o Filho e o Espírito Santo.

O que Cristo pediu ao Pai para os cristãos já nesta vida, será realidade plena na eternidade: "que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que Tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: Eu nêles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade" (Jo 17, 21-23). União plena e perfeita entre os homens, mas união possibilitada, radicada, centrada e vivida na união com Cristo e com o Pai. Deus é o futuro da humanidade. Futuro que vai além de tôdas as capacidades e expectativas meramente humanas. Será uma realidade totalmente nova: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus preparou para aquêles que o amam" (1. Cor. 2, 9). A revelação não faz uma reportagem sobre o futuro. Deus convida a humanidade a sair de suas limitações, transcender-se a si mesma e ingressar na plenitude comunitária em Deus.

Deus, o futuro da humanidade, é também o futuro de cada indivíduo.

Sabemos que o homem só chega à sua maturidade e plenitude em se abrindo e doando aos outros.

(4) Vaticano II, *Gaudium et Spes* n.º 19, 1.

Seu passado, presente e futuro giraram em tórno do encontro com os outros. Ele é essencialmente ser-para-o-encontro-pessoal.

Deus, de acôrdo com a revelação, não é só aquêles que possibilita ao homem este encontro com os outros homens, não é só o horizonte no qual se realizam as doações intra-humanas. Ele mesmo quer dar-se pessoalmente a cada homem. Deus se oferece a si mesmo ao homem, para que este, doando-se a Deus, encontre Nêle a sua plenitude. A mais radical saída do homem de si mesmo, — dar-se aó Outro por excelência: Deus — lhe possibilita a sua mais plena realização.

"Esta é a vida eterna, que te conheçam a Ti, Único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste" (Jo 17, 3). "Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então (na eternidade) veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como sou conhecido eu mesmo" (1. Cor. 13, 12).

"A razão principal da dignidade humana consiste na vocação do homem para a comunhão com Deus" (4), "Deus chamou e chama o homem para que ele, com sua natureza inteira, dê sua adesão a Deus na comunhão perpétua da incorruptível vida divina" (5).

Deus valoriza cada indivíduo, não só este ou aquêles, nem mesmo só a comunidade. Ele valoriza o indivíduo em sua totalidade: espírito encarnado. Temos a promessa da Ressurreição. Deus em pessoa quer ser para cada um o futuro, a realização plena.

(5) Vaticano II, *Gaudium et Spes* n.º 18, 2; cf. tb.: *Dei Verbum* n.º 2, *Gaudium et Spes* n.º 22, 6.

A dimensão cósmica da humanidade não fica esquecida na promessa divina.

Para onde se encaminha a história do cosmos? Que será do domínio sempre crescente do homem sobre as forças da natureza e de todo êste progresso de que somos testemunhas e que apenas parece iniciar-se?

Ao término da história, também a morada dos homens será transformada radicalmente. Os céus e a terra, juntamente com a humanidade, encaminham-se para um futuro pleno, para os novos céus e a nova terra, quando tôda criatura será libertada do jugo da corrupção e do pecado (6).

Deus é, portanto, o futuro pleno, trans-histórico, da humanidade e dos indivíduos num mundo completamente renovado.

Se olharmos a história da salvação do antigo e do nôvo testamento, na qual Deus se revelou gradativamente aos homens, constataremos que não é outra a perspectiva.

A história dos hebreus gira em tôrno da aliança com Deus. A aliança é realizada com o povo. O indivíduo dela faz parte enquanto a êle pertence. A aliança é vivida concretamente nas vicissitudes históricas dêste povo. Salientam-se: o êxodo do Egipto, a travessia do deserto, e a posse da terra prometida. Repare-se a dimensão histórica da aliança e a sua dimensão material na posse da terra prometida. Mas o cerne desta aliança sempre foi o próprio Javé, seu relacionamento, sua união com o povo eleito e, no povo eleito, com

os indivíduos: "Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo". Êste cerne ainda se torna mais claro e vivencial no cativo da Babilônia, na ausência da terra prometida. Javé é o Deus de Israel, e êste já é o povo de Deus.

Mas a história deveria levar sempre a novos e mais profundos encontros do povo com o seu Deus: "Eu serei o vosso Deus". Chegada a plenitude dos tempos, Deus inaugura, em Cristo, a nova e eterna aliança com os homens e promete que esta aliança chegará à sua plena realização, quando Cristo glorioso voltar para restaurar tôdas as coisas (Cf. Ef. 1, 10) e "Deus fôr tudo em todos" (1 Cor. 15, 28).

## 1. 2. Deus, aquêle em quem esperamos.

Num primeiro passo, refletimos que Deus é a esperança da humanidade, enquanto êle mesmo é o cerne do futuro pleno, para o qual a humanidade, os indivíduos e o cosmos são convidados a se dirigir.

As reflexões que seguem desejam descobrir outro aspecto desta esperança: Deus é aquêle em quem esperamos.

Já dissemos no início que o homem compreende-se hoje como aquêle que livre e responsávelmente se encaminha para o seu futuro e procura realizá-lo, baseado em sua criatividade, nas suas forças e nas da natureza.

Esperar o futuro da humanidade é, nesta perspectiva, dar crédito positivo, confiar-se ao espírito criador do homem, da comunidade e às energias latentes nos homens e na natureza.

(6) Cf.: 2 Pdr 3, 13; Apoc 21; 1 Cor 7, 31; Rom 8, 19-21; Vaticano II, Gaudium et Spes n.º 39.

Para que então esperar que Deus realize o futuro que o homem pode realizar? O homem dispensa o Deus que substitui a sua criatividade, ação e responsabilidade.

O Deus da revelação, no entanto, não destrói o homem: muito pelo contrário, o valoriza.

A psicologia e a antropologia podem iluminar o problema em questão. Elas nos dizem que o homem só chega a si, à sua realização e plenitude, se os outros lhe proporcionarem o encontro, permitindo-lhe sair de si para dar-se aos outros. A iniciativa, o pressuposto da doação são os outros. Esta iniciativa, entretanto, requer a correspondência do que se doa, correspondência que o levará a transcender-se a si mesmo.

O amor e a dedicação autênticos dos pais aos filhos não destroem a liberdade destes; pelo contrário, propiciam o seu desabrochamento, maturação e pleno uso, com a condição insubstituível de que os filhos correspondam ao amor que lhes é oferecido. A auto-realização na doação aos outros só é possível como livre e responsável correspondência ao seu apêlo.

Algo de semelhante, mas de forma muito mais radical e profunda, verifica-se no relacionamento do homem para com Deus.

Depende do homem encaminhar-se livre e responsável, através de sua história concreta, ao encontro com Deus, seu futuro. Depende do homem chegar ou não chegar à plenitude de sua existência. Não no sentido de o homem ser aquele que dá o primeiro passo para ir de encontro a Deus. Mas no sentido de que seu ato livre e responsável já é correspondência ao amor de Deus. O assumir res-

ponsavelmente a própria existência e a da humanidade, o encaminhar-se livre e criativamente para o seu futuro, o encontro com Deus, já é resposta ao apêlo divino.

Justamente nisto se nos manifesta, mais uma vez, a radicalidade, o 'completamente nôvo' do cristianismo. "Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em Ele nos ter amado primeiro e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados" (1 Jo 4, 10). "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair" (Jo 6, 44), "se por meu Pai não lho fôr concedido" (Jo 6, 65).

É Deus que dá o primeiro passo de encontro ao homem. A iniciativa divina não destrói a liberdade humana. Deus envolve a existência e a liberdade do homem com seu amor, ao convidar o homem a participar de Sua vida intratrinitária, e assim lhe possibilita responder responsávelmente a este apêlo na pluridimensionalidade de sua existência e realizar a plenitude de seu ser.

Aqui se nos desvela uma característica básica da esperança cristã. Ela **não** consiste em aguardarmos que Deus substitua a responsabilidade e os esforços do homem nas tarefas intraterrenas e na resposta ao Seu apêlo divino. A esperança cristã, por ser a atitude do cristão ante o seu futuro pleno que é o encontro definitivo com Deus Trino, para o qual êle se dirige historicamente; e por implicar, necessariamente, que seja Deus quem sempre inicia este encontro de amor; a esperança cristã, digo, é a atitude livre e responsável com a qual o cristão se **confia**, se entrega plenamente a Deus, aguardando que

Ele sempre lhe possibilite corresponder ao seu apêlo, ao Seu amor, e lhe possibilite encontrá-lo no vir-a-ser histórico e, em plenitude, na eternidade.

Em outras palavras, o que caracteriza e constitui a esperança cristã é o próprio Deus, não só enquanto é a realidade esperada, mas também enquanto é digno de que nele depositemos toda nossa confiança, de que nos abandonemos totalmente a ele. Esta atitude não traz consigo cruzarmos os braços, frente à realidade que nos circunda. Pelo contrário, exige a nossa inserção na mesma, como veremos na última parte.

A esperança, pela qual o cristão, juntamente com a fé e a caridade, se relaciona explícita e imediatamente com Deus, fundamenta-se nas promessas divinas, de modo todo especial no próprio Cristo ressuscitado, no qual a promessa da definitividade escatológica já se realizou. A esperança só é possível, porque o próprio Deus a suscita no mais íntimo do coração humano: "ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair" (Jo 6, 44).

Embora creiamos que Deus tome sempre a iniciativa, contudo, o fato de este apêlo se dirigir à nossa responsabilidade e de a nossa resposta nos encaminhar para o encontro definitivo, poderia levar-nos a pensar que um dia chegaríamos a nos apoderar de Deus, assim como nos apoderamos de outras coisas. Uma breve reflexão sobre o autêntico relacionamento do homem com Deus nos permitirá descobrir, aqui, mais uma faceta da esperança teológica.

Já no interrelacionamento humano é-nos claro que o eu só

poderá conhecer profundamente o tu, se este se lhe manifestar, e que, por mais que conhecemos o outro, nunca o poderemos dominar cognoscitivamente, isto é, esgotar exaustivamente o conhecimento a respeito dêle. E no que toca ao amor: sabemos que o eu não pode exigir o amor do tu, não pode forçar a entrada no coração do outro; este abre-se e doa-se livremente.

A relação do homem a Deus é fundamentalmente a mesma. Jamais, nem agora nem na eternidade, o homem conhecerá exaustivamente a Deus, jamais apoderar-se-á cognoscitivamente de Deus. Deus é e permanecerá para nós o incompreensível, o inabarcável, o sempre nôvo. Deus é Aquêle do qual não podemos dispor. Ele, por iniciativa própria, se manifesta, dá-se a conhecer a nós.

Também a autocomunicação de Deus aos homens, no amor, é absoluta e incalculavelmente livre. Este Seu amor por nós torna-nos dignos de sermos amados por Ele e possibilita o nosso amor, a nossa entrega a Ele. Amar a Deus é ser amado por Ele, é aceitar ser amado por Ele.

A plenitude da existência humana: o encontro definitivo com Deus, é a mais plena e radical saída do homem de si mesmo, é a suprema superação do próprio homem, pois neste encontro ele se doa, na plenitude de seu ser, ao Deus inabarcável, ao Deus de amor. Na eternidade será destruída para sempre a aparência de que a última e absoluta verdade é aquela que por nós é dominada e que o amor é aquilo que é realizado por nosso amor. A realidade: "Deus sempre maior",

"Deus sempre nôvo", "Deus que não pode ser manipulado nem dominado", e que se dará, a nós, na visão intuitiva do amor, é historicamente vivida na esperança cristã. Nela Deus é desejado como aquele que ainda vem, como aquele que está diante de nós e que sempre nos prepara um encontro ulterior e mais profundo até se realizar o encontro em plenitude. Na esperança já agora nos abandonamos confiadamente a Ele, conscientes de que esta entrega, este sair de nós mesmos, exclui toda e qualquer manipulação ou domínio sobre Deus, pois aguardamos que Ele nos conceda podermos conhecê-lo e amá-lo; conscientes, simultaneamente, que esta entrega não destrói, mas possibilita e urge a nossa livre correspondência.

Resumindo a primeira parte, podemos dizer: Deus, o encontro com Ele, é tanto a plenitude que esperamos nós, os indivíduos, a comunidade e o cosmos, como Aquêlo ao qual nos confiamos, para podermos corresponder ao seu apêlo e chegar responsável e historicamente à mencionada plenitude.

Focalizaremos a seguir, na segunda parte, mais um aspecto constitutivo da esperança: sua concretização na pluridimensionalidade do ser humano.

## II. A encarnação da esperança

S. Pedro, em sua primeira epístola, exorta os cristãos: "Esfai-vos para uma resposta vitoriosa a todo aquele que vos perguntar acerca da esperança que vos anima" (1 Pedr. 3, 15). O Vaticano

II, ao falar do múnus profético dos leigos, a ser exercido pela palavra e pelo testemunho da vida, diz: "Eles se apresentam como filhos da promessa quando, fortes na fé e na esperança, aproveitam o momento presente (cf. Ef. 5, 16; Col. 4, 5), e esperam a glória futura pela paciência (cf. Rom. 8, 25). Não escondam, entretanto, esta esperança no íntimo do espírito, mas pela contínua renovação e pela "luta contra os dominadores do mundo das trevas, contra os espíritos da malícia" (Cf. Ef. 6, 12), também a exprimam nas estruturas da vida secular" (7).

A esperança cristã, como resposta explícita a Deus, que em Cristo nos apela e promete vir-nos ao encontro em plenitude, é essencialmente, uma vivência íntima, uma atitude interna de aceitação, de confiança e de entrega a este Deus. Como tal, portanto, há de ser vida individual e comunitariamente em resposta explícita e consciente a Deus, em momentos reservados à intimidade com Deus, que denominamos de oração em sentido estrito, quando se está com Deus sem fazer nada de "útil".

Esta atitude, entretanto, não pode parar aí. O povo cristão e o cristão como indivíduo não podem guardar em sua interioridade, na intimidade de seu coração ou na expressão de sua prece, esta sua esperança.

Ao povo cristão pertence essencialmente ser "em Cristo como que sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (8).

(7) Vaticano II, Lumen Gentium n.º 35, 1.

(8) Vaticano II, Lumen Gentium n.º 1, 1.

Ser sacramento, ou testemunho vivo e eficaz, não é uma realidade acessória ao povo cristão, ao qual êle se dedicaria se fôsse de seu agrado. Ser testemunho é uma realidade inseparavelmente unida ao ser do cristão, é realidade constitutiva do povo cristão, em virtude da própria lei da encarnação.

Ser sacramento, ou testemunho vivo, o povo cristão só o poderá se souber visibilizar sensivelmente, se souber concretizar palpavelmente a "íntima união com Deus e a unidade do gênero humano" (9)

A esperança dos cristãos — cerne do cristianismo — não pode, portanto, para ser autêntica esperança, enclausurar-se na intimidade. Ela deve ser testemunhada, corporizada em virtude do que ela é.

Êste testemunho não pode restringir-se ao anúncio da promessa, ao anúncio de que caminhamos para o encontro definitivo com Deus e para a plenitude da unidade dos homens em Cristo, de que nos encaminhamos para uma realidade plenamente nova.

O testemunho da esperança última do cristão só será testemunho verdadeiro, aceitável, autêntico, capaz de inspirar credibilidade aos homens, se êle se tornar sensível e palpável na realidade intraterrestre, se êle se "exprimir nas estruturas da vida terrena" (10), ao modo da própria esperança, isto é, na abertura do homem e da comunidade para o futuro, para o sempre nôvo.

O que São João afirma do amor e Tiago da fé, vale também da esperança: "Se alguém disser: amo

a Deus, e odiar seu irmão, é mentiroso. Em verdade, quem não ama a seu irmão, que vê, não pode amar a Deus, que não vê." (1 Jo. 4, 20) "A fé, se não tiver obras, é morta em si mesma... Eu, por meio das minhas obras, mostrar-te-ei a fé" (Tiago 2, 17s).

A necessidade da corporificação da esperança não só se fundamenta no fato de o cristão e o povo cristão serem, necessariamente, testemunhas para os outros de sua esperança. A própria realidade unitária do homem, que em sua unidade espiritual-corporal realiza historicamente o único sentido de sua existência, exige a concretização de sua esperança.

O homem, como o sabemos a partir da revelação, não tem dois sentidos últimos a serem vividos paralelamente. Um só é o seu sentido: o do encontro definitivo com Deus. Êste encontro, para quem corresponde ao apêlo divino, já é vivido, incoativamente, nesta terra. Realiza-se, não fora, não ao lado, nem além da existência humana e de seu modo de viver. O homem encontra-se com Deus assim como êle é: ser espiritual-corpóreo, que vive historicamente no relacionamento com os outros e na inserção da realidade material que o cerca. Deus nos chama, para sempre novos e mais profundos encontros com Êle, nos apelos que o mundo a construir e a comunidade a se aperfeiçoar nos fazem. O nosso sempre nôvo encontro com Deus, que acontece no íntimo de nosso ser, realiza-se no vir-a-ser contínuo da história da humanidade e do mundo material.

(9) Vaticano II, Lumen Gentium n.º 1, 1.

(10) Vaticano II, Lumen Gentium n.º 35, 1.

A missão criadora do homem, a construção do futuro intra-terreno: "dominai e submetei a terra" (Cf. Gen. 1, 28), é, nestas perspectivas, um momento intrínseco da vontade salvífica de Deus, isto é, da esperança cristã. Não que o Reino de Deus se confunda com o progresso intraterreno. Assim como, em Cristo, não há identidade nem confusão do humano com o divino, mas íntima união de ambos, de forma semelhante a realização incoativa do Reino de Deus necessariamente está unida a uma concretização humana. O Verbo de Deus, tornando-se radicalmente criatura, assumindo a historicidade humana e inserindo-se no mundo material, não só nos mostra mas também nos possibilita o encontro com Deus na nossa existência material-corporal-espiritual, vivida comunitária e historicamente. Surge aqui a pergunta: como realizar a concretização da esperança nas estruturas da vida terrena? Não é nosso intuito desenvolver tôdas as possibilidades de sua corporificação. Limitar-nos-emos a assinalar algumas. E mesmo estas não poderão ser realizadas, na prática, por todos os cristãos. Se os cristãos, em sua vida concreta, devem dar testemunho que o Deus de sua esperança é o Deus do Futuro, aquêle que sempre está a sua frente para proporcionar-lhes o completamente nôvo, esta esperança se concretiza agora por seu engajamento radical na construção de um futuro intraterreno melhor e mais humano. Em outras palavras: trata-se de um compromisso, em nome da própria esperança cristã, a buscar um sempre maior domínio da natureza, porque êste propicia à humanidade uma justa libertação das forças cegas da na-

tureza. Se êste domínio fôr bem empregado, êle servirá para o bem da humanidade. Trata-se, além disto, de um compromisso para positivamente colaborar na construção de uma humanidade sempre mais unida, no estabelecimento de uma paz sempre mais profunda e real, na implantação de uma justiça sempre mais autêntica e universal, na erradicação sincera de tôda e qualquer escravidão.

Se a esperança dos cristãos não os conduz a êste compromisso com o futuro intraterreno, como se lhes poderá dar crédito de que Deus, a sua esperança, promete para a eternidade a união perfeita entre os bem-aventurados, a paz e a justiça perfeitas? Se a vida dos cristãos já é viver incoativamente a realização de sua esperança, necessariamente, em força desta própria esperança, êles devem viver e promover, por todos os meios ao seu alcance, a paz, a justiça, a união entre si e entre os demais homens. Se dissermos que esperamos em Deus, mas não suscitarmos esperança entre os homens, somos mentirosos.

Isto não quer dizer que os cristãos não de realizar planejamentos especificamente cristãos, que êles devem organizar-se e realizar projetos intraterrenos **ao lado** dos outros homens. A sua esperança leva-os a uma atitude positiva, a iniciativas ousadas, à cooperação ativa com os demais homens, para encontrarem e realizarem um futuro intraterreno sempre mais humano.

São justamente os cristãos, em virtude de sua esperança, os que mais deveriam ousar a busca e a realização de novas soluções para os problemas humanos. Não por-

que o passado seja ruim. Não por um descontentamento doentio ou por um sentimento mórbido de culpabilidade. Mas porque, a partir das promessas divinas, sabem e esperam que Deus, possibilitando-nos, agora e no futuro, criar uma realidade nova, nessa realidade nos vem ao encontro de uma maneira nova e mais profunda. A esta ousadia leva-nos a certeza da promessa de que, no fim dos tempos, surgirão os novos céus e a nova terra, isto é, de que o passado deve ser radicalmente transformado para dar lugar a uma nova criação. Não, como se esta nova criação tivesse necessariamente de surgir do nada e estivesse desvinculada da realidade terrena atual. Há teólogos, hoje, sempre mais inclinados a admitir, por diversas razões, a continuidade dos céus e terra atual com os novos céus e a nova terra, mediante uma transformação radical que não pode ser simplesmente o produto da ação humana. Seja o que fôr em relação à continuidade, ou não, da realidade intraterrena com a futura, a radical transformação que esperamos nos impera a não nos agarrarmos nem, ao passado, nem ao presente, pois sabemos que eles não permanecerão assim como estão, que eles são transitórios. Ela nos impele a ousarmos transformações radicais, a procurarmos soluções mais humanas, mais justas, mais unitárias e por isto mesmo na ordem atual, mais divinas. Não compete à mensagem da esperança dizer o que concretamente se deva abandonar, conservar e ousar em cada caso e situação.

Com o que acabamos de dizer, já aludimos a outro modo de concretização da esperança cristã. O cris-

tão e, de modo particular, o povo cristão, como um todo, ou como parcelas do todo, para si e para a humanidade devem ser uma consciência crítica. Não aludiremos à consciência crítica do povo cristão em relação a si mesmo como povo de Deus (isto é, ad intra); limitar-nos-emos a algumas indicações mais gerais.

O fato de na esperança irmos ao encontro da plenitude trans-histórica prometida por Deus; a certeza de que nenhuma realidade, nenhuma concretização intraterrena é a última, a definitiva; a certeza de que nenhuma realização na ordem concreta em que vivemos pode esgotar as possibilidades do homem e da humanidade; tudo isto não permite a absolutização de nenhum projeto, de nenhuma conquista, de nenhum modo de vida, de nenhuma solução, quer seja social, política, econômica, técnica ou científica. E isto tanto em relação ao passado, como ao presente, mas também, e de modo especial, em relação ao futuro. Desta forma, viver a esperança cristã, o encontro com Deus, agora e no futuro, propicia ao cristão a autêntica liberdade frente ao surgir e desaparecer do futuro intraterreno, frente às realidades criadas. Conseqüentemente, a comunidade cristã, ao anunciar a sua esperança, deve simultaneamente denunciar toda e qualquer absolutização.

Deus, em suas promessas de plenitude, valoriza o homem e o homem de todos os tempos, em seu aspecto comunitário e individual. Por isto, em nome da esperança cristã devem ser denunciados, entre outras coisas:

- 1) a absolutização da técnica e da ciência, quando despersonal-

zam e coisificam o homem, quando em vez de propiciarem o domínio do homem sobre a natureza, o escravizam a ela;

2) o sacrifício puro e simples da geração presente em prol da geração futura, ou dos indivíduos em favor da comunidade;

3) todo e qualquer tipo de injustiça, de escravização, de atentado contra a unificação, paz e libertação dos homens.

O testemunho e a concretização da esperança não se reduzem, no entanto, ao positivo engajamento na construção de um futuro intraterreno e ao exercício de uma consciência crítica a tudo que absolutiza a realidade presente e não realiza incoativamente a plenitude prometida por Deus.

A partir do próprio cerne da esperança, que é o encontro pessoal de Deus com o indivíduo na comunidade, deve-se concluir que o valor e a dignidade da pessoa, também no mundo da técnica e do progresso em que vivemos, não se pode medir por sua "eficiência", por sua "utilidade funcional". Mais. A esperança cristã, por não permitir absolutizar nenhuma realidade, nenhum bem terreno, pode e há de ser testemunhada também na aceitação da limitação humana, vivida e experimentada dolorosamente, por exemplo, na doença, em fracassos e, trágicamente, na morte. Mais. Ela pode ser testemunhada individual e comunitariamente por aqueles que renunciam espontaneamente a valores profundamente humanos por amor ao Deus do futuro pleno, por amor do reino dos céus.

## CONCLUSÃO

A esperança cristã, por conseguinte, de nenhum modo permite fugir ou cruzar os braços diante da realidade presente e futura da humanidade e do universo. Não é inspiradora de alienação. Não é legitimação do conservantismo. Não é aniquilação da dignidade humana ou negação de sua liberdade. Muito pelo contrário. O Deus de nossa esperança radicaliza o engajamento do cristão para a criação de um mundo, de uma sociedade transformada e mais humana. É Ele que constitui e resguarda a dignidade da pessoa humana e das comunidades de todas as gerações. É Ele, que, interpelando-nos a cada momento para um novo encontro, nos possibilita assumirmos livre e responsávelmente o destino da história, na construção do futuro. A esperança cristã é a autorização, o imperativo para um contínuo e confiante êxodo do presente em direção ao futuro intraterreno e trans-histórico e, por isto mesmo, é condenação de toda e qualquer absolutização. Finalmente, a esperança cristã, por mais ênfase que dê à liberdade e responsabilidade humanas, às suas iniciativas e poder criador, guarda viva na consciência e na própria vida do cristão e da comunidade cristã, a convicção de que esta liberdade, responsabilidade, iniciativa e poder criador, são um dom de Deus. Mais. Que é Deus, quem no passado, no presente e no futuro, a cada momento nos ama primeiro, nos chama, nos convida para o encontro interpessoal e comunitário com Ele, possibilitando-nos assim,

a nós pecadores, sairmos de nós, entregarmo-nos e irmos de encontro a Ele — livre, responsável e criativamente, através de nossa história concreta. A esperança cristã manterá viva em nós a consciência, a certeza, que o nosso Deus é e será sempre Aquêle do qual não podemos dispor, o sempre maior, o sempre inabarcável, Aquêle que

sempre vem de encontro a nós, o que ultrapassa e ultrapassará tôdas as nossas possibilidades e desejos, o sempre nôvo, o que será a nossa plenitude, a da humanidade e a dos indivíduos, que tiverem correspondido ao seu apêlo. Esperamos que Cristo um dia recapitulará tôdas as coisas e que Deus será tudo em todos.